

## **one more time with feeling**

Francisco Ferreira

*In love, in love, I love, you love,  
I laugh, you laugh  
I move, you move,  
(and) one more time with feeling<sup>1</sup>*

I look at Stephan Mäder's sketches, above all, as the preservation of moments more than the mere exercise of artistically representing objects, landscapes, architectures... and each one of those moments – i.e., each one of those sketches – appear to me, simultaneously and in juxtaposition, either as the representation of an effective reality, either as the imagining of that reality; each sketch thus reveals that which in fact is being observed at the same time exposing that which, interiorly, subjectively, is to be captured and preserved. Such an idea of preservation becomes even more apparent, I feel, from the multiplying of the motifs that are sketched – sometimes from the repetition of the framing with which those motifs are captured – an action that seems to suggest, still, a kind of an extended construction of each moment, in which memory – and the distortion that it always carries – becomes a reference as important as the fact itself.

The act of construction of each sketch is thus always incorporated by a temporal action which in the end frames each act of representation; time – which Aldo Rossi so well enounced in his Scientific Autobiography – is therefore present in each one of these sketches – but also in their tautological succession – as an atmospheric

1. Nick Cave, Magneto, in Skeleton Tree, Bad Seed Ltd., 2016

condition which translates into a state of latency of the represented moments that are also places for auto-contemplation. From isolated architectures to broader landscapes, from mapped geographies to the in loco apprehension of their dynamics, from places (either interior or exterior, which appear as intuitive fragments), to the fish (the wonderful and incredible amount of fish that inhabit this illustrated and somewhat surrealist world, existing as if endowed with an almost structural quality within the whole – there are even plans of buildings or sketches of plane-submarines with fish shapes, which seem to build-up as a rather curious and fun meta-narrative), the sketches of Stephan Mäder thus come to represent a specific kind of *durée*, one with a circular configuration where the same house, the same place, or even the same look succeed one another as echoes, at each time holding a slightly different tone... it is mainly throughout that reverberation that the creation of this temporal transcendence becomes clear, through the re-visiting of themes or images which also become a part of the subconscious of who ever goes through them. Even if one has never been to those places, even if one was not present during those moments, these sketches will take you into those journeys, into those days, into those meals...

Hence, these sketches are not architectural drawings in the sense in which they do not seek a pragmatic purpose of realisation... but they are, undoubtedly, architectural drawings by fulfilling an inquiring purpose, by being impregnated with a sense of restlessness and interjection towards its subject, in the way as they seem

to overlap narrative fragments which become strangely inherent to each moment – the set tables, expectant (who will seat there?) – or the messy tables (who has been there?) –, or the characters who sometimes inhabit the places – always relatively enigmatic, always seen from afar, with no distinguishable features –, or the wind blowing on the trees or on the flowing textiles... such narratives – always associated to a specific type of sketch – are, in fact, a powerful medium that exposes as much the qualities of the subject under representation as the author's mood, thus transforming the sketches into images with affective qualities. And it is this affection – for the journey, for the moments, for existence, for the humour of existence – that, I suspect, most effectively leads Stephan Mäder to the act of drawing and to its subsequent repetition, lengthening the inhabiting of those places and of those moments... and it may also be for the same reason, that the meals keep coming up as a special event, in the sense that to each moment of reunion, pause or contemplation the author adds a flavour, a special scent that ends up framing every experience, every dislocation, every encounter, every solitude...

And so, dear Stephan, when we began our personal journey through the set of drawings that you so kindly sent us, the Nick Cave verse that is atop these words appeared to me as an unexpected help, a mantra for the approach to those moments where you resort to the act of drawing, to the repetition of the act of drawing, to the act of repeating the drawing, thinking about how you could very well be replicating this or other murmur, perhaps.



## ***one more time with feeling***

Francisco Ferreira

*In love, in love, I love, you love,  
I laugh, you laugh  
I move, you move,  
(and) one more time with feeling<sup>1</sup>*

Olho os desenhos de Stephan Mäder, acima de tudo, como a preservação de momentos, mais que o mero exercício artístico de representação de objectos, paisagens, ou arquitecturas... e cada um desses momentos – isto é, cada um desses desenhos – se me afigura, em simultâneo e de forma justaposta, ora como uma representação de uma realidade efectiva, ora como a imaginação dessa mesma realidade; cada desenho revela assim, por um lado, aquilo que de facto se observa ao mesmo tempo que expõe aquilo que, interiormente, subjectivamente, se captura e quer preservar. Esta ideia de preservação surge ainda a partir da multiplicação dos motivos desenhados – por vezes da repetição dos mesmos enquadramentos com que esses motivos são capturados, – que parece sugerir ainda uma espécie de construção estendida de cada momento/espço, em que a memória – e a distorção que daí sempre decorre – se assume como referência tão importante quanto o facto em si.

O acto de construção de cada desenho é assim incorporado, sempre, por uma acção temporal que acaba por enquadrar cada acto de representação; o tempo – que Aldo Rossi tão bem enunciou na sua Autobiografia Científica – está portanto presente em cada um destes desenhos, mas também na sua sucessão tautológica, enquanto coi-

sa atmosférica que se traduz num estado de latência dos momentos representados que são então, também, lugares de auto-contemplação. Das arquiteturas isoladas às paisagens mais abrangentes, das geografias mapeadas à apreensão das suas dinâmicas in loco, dos lugares (interiores ou exteriores, que aparecem como fragmentos intuitivos), aos peixes (aos maravilhosos e inúmeros peixes que habitam todo este mundo desenhado e algo surrealista, assumindo quase uma qualidade estrutural no conjunto – há inclusivé desenhos de plantas de edifícios ou desenhos de aviões-submarinos que assumem a fisionomia do peixe, construindo assim um imaginário suplementar, uma espécie de meta-narrativa muito curiosa e bem humorada) os desenhos de Stephan Mäder representam, mais que outra coisa, um devir de carácter circumspecto, uma *durée* com configuração circular, onde aquela casa, aquele lugar ou eventualmente aquele olhar se sucedem como ecos que, a cada manifestação, apresentam uma ligeira diferença de tom... é essencialmente nessa reverberação que a criação desta transcendência temporal se torna evidente, no re-visitado de temas ou imagens que passam assim, também, a ocupar o subconsciente de quem os observa e percorre. Ainda que não tenhamos estado naqueles lugares, naqueles momentos, estes desenhos transportam-nos para aquelas viagens, para aqueles dias, para aquelas refeições...

Não são portanto, desenhos de arquitectura no sentido em que não procuram, em exclusivo, um propósito realizador... mas são indubitavelmente desenhos de arquitectura na forma como realizam um propósito de inquirição, de inquietude e de interjeição perante o que é observado, na forma como parecem perscrutar cada acontecimento

ou como ainda sobrepõem a esse acontecimento fragmentos narrativos que lhes são estranhamente inerentes – as mesas postas, expectantes (quem se sentará aí?) –, ou as mesas desarrumadas (quem esteve ali?) –, os personagens que por vezes se vislumbram nos espaços – sempre relativamente enigmáticos, quase sempre vistos ao longe, sem fisionomia evidente –, ou ainda o vento que se faz sentir nas árvores ou nos tecidos esvoaçantes... tais narrativas – sempre associadas a um tipo de registo específico – informam de facto tanto acerca das qualidades do objecto desenhado como da disposição do autor, tornando os desenhos em imagens dotadas, na sua essência, de qualidade afectiva. É esse afecto – pela viagem, pelos momentos, pela existência, pelo humor da existência – que, acima de tudo, suspeito, leva Stephan Mäder ao desenho e à sua repetição, procurando a continuação do habitar desses lugares, desses momentos... é por isso também, arrisco, que os espaços de refeição estão sempre a surgir, no sentido em que, ao momento de reunião ou pausa, ao momento da contemplação, possibilitam ainda fixar um paladar, um aroma especial que decerto marca cada experiência, cada deslocação, cada viagem, cada encontro, cada solidão...

E assim, caro Stephan, quando iniciamos a nossa própria viagem pelo conjunto dos desenhos que nos enviaste, o verso do Nick Cave que antecede este texto, apareceu-me subitamente, como uma ajuda ou um mantra inesperado para a aproximação a esses momentos em que recorres ao acto do desenho, à repetição do acto do desenho, ao acto da repetição do desenho, imaginando-te a replicar esse ou outro murmúrio, talvez.